

JORNAL DO BRASIL

Deutsche Bank recomenda ao Brasil mais austeridade econômica

31 MAR 1983

William Waack
Arquivo

Bonn — Ficou ainda mais difícil para os bancos internacionais repetir operações como a renegociação da dívida externa brasileira, cuja situação só vai melhorar havendo boa recuperação da economia mundial. Para o Brasil restaurar seu crédito no exterior, a receita é um rigoroso programa de austeridade interno e maior abertura para o capital privado estrangeiro. Este é o resumo das declarações que o presidente do Deutsche Bank, Wilfried Guth, fez sobre o caso brasileiro ao apresentar à imprensa seu balanço anual.

O presidente do maior banco alemão está moderadamente otimista quanto à conjuntura mundial, mas jamais abandonou sua conhecida cautela ao falar do Brasil, do qual é um importante credor: "A renegociação foi só a primeira etapa. Começa agora a difícil e tensa fase de espera até ver se dá certo o programa de contenção que países como México e Brasil estão aplicando", disse Guth a uma platéia de 150 jornalistas do mundo inteiro.

— Para mim o mais importante nesta fase é a recuperação da credibilidade internacional. Isto depende da maneira como o Brasil tratará a dívida e como conseguirá operar seu serviço. Nós, ao contrário dos bancos americanos, não consideramos que um país está dando conta de seus compromissos quando paga juros mas não amortiza", prosseguiu Guth.

Indagado pelo JORNAL DO BRASIL se espera para breve uma nova rodada de renegociações com as autoridades econômicas brasileiras, o presidente do Deutsche Bank preferiu responder de maneira genérica: "O problema do endividamento externo brasileiro poderá ser aliviado se houver uma conjunção de fatores como alto emprego de esforços próprios, melhoria da conjuntura mundial e redução das barreiras protecionistas".

Crescimento modesto

— O FMI considerou todos esses aspectos cautelosamente, prosseguiu, e estabeleceu para o Brasil um programa econômico que permitirá um modesto crescimento, a fim de que os problemas sociais não levem a uma explosão. Se o programa de estabilização for levado a cabo e as outras condições forem postas em prática, nada há a temer, disse Guth.

Diretores do Deutsche Bank reagiram com surpresa ao tomarem conhecimento de declarações de personalidades do Governo brasileiro, segundo as quais os bancos alemães estariam colocando os principais obstáculos à concessão de novos créditos ao país (quem disse isto foi o Ministro da Indústria e Comércio, Camilo Penna, falando na Câmara de Comércio Teuto-Brasileira, em São Paulo).

Num contato informal com jornalistas, durante o jantar que o Deutsche Bank ofereceu, em Frankfurt, um diretor do banco afirmou que "nunca há problemas quando a gente conversa com o Langoni, o Delfim, o Galvães ou o Serrano". As dificuldades com o crédito interbancário



Wilfried Guth

que setores do Governo atribuíram, em parte, aos alemães, teria duas explicações: "Primeiro veio o México e pediu que o crédito interbancário fosse restaurado do jeito que era. Já foi difícil. Depois veio o Brasil e pediu a mesma coisa. Tudo era para ser feito na base da livre e espontânea vontade, mas não foi bem assim que aconteceu.

Quando falou da disposição de seu banco em colaborar na solução do problema do endividamento do México e do Brasil, Guth não esqueceu de mencionar as barreiras que ele mesmo teve de superar:

— Nós estávamos concedendo ao México um aumento de 7% em relação a nossos empréstimos anteriores, que considerávamos o limite máximo para aquele país. No caso do Brasil, aumentamos em 11% o volume de créditos, inclusive injetando empréstimos novos. Por isso é que digo que a repetição de operações desse tipo ficou mais difícil, disse Guth.

Embora os especialistas do Departamento Internacional do Deutsche Bank já tenham se transformado em verdadeiros "artistas de renegociação", conforme Guth, ainda não há critérios seguros para prever quando um perigo latente torna-se um caso agudo.

— Guth acha que condições tão adversas dificilmente se repetem, mas não vê motivos ainda para que seu banco desative o sinal de alarme. Ao contrário: o Deutsche Bank subiu para 1,7 bilhão de marcos suas reservas para casos de emergência e os recursos próprios foram aumentados em 4,7% (para 5 bilhões de marcos), graças a um dos melhores desempenhos do banco desde a Segunda Guerra Mundial.